

A CORPOREIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS: CONTAR HISTÓRIAS COM E NO CORPO

SILVA, Valquíria Duarte¹
Orientação: HARTMANN, Luciana²,

RESUMO

Muitos são os que buscam sobre as diferentes técnicas de se contar histórias, um público constituído por professores e amantes desta arte. Na busca de experimentar possibilidades de se contar histórias com e no corpo, este estudo propõe uma reflexão pautada em vivências de oficinas de contação de histórias com o foco na corporeidade do contador de histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias, corporeidade, oficinas.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios o ser humano conta histórias para se expressar, narram fatos ou acontecimentos que lhe chamaram atenção. Contando histórias, cria-se tradição, conhecimento, encantamento que permeiam o imaginário de crianças, jovens e adultos nesta arte tão peculiar.

Medo, alegria, amizade, maldade, contos de fadas, contos populares, histórias literárias, fábulas, todo esse repertório de histórias é também levado para às instituições escolares por professores, por meio de contação de histórias.

Diante esta realidade, muitos são os que buscam sobre as diferentes técnicas de se contar histórias. Neste sentido, surgiram inquietações a respeito de uma metodologia em contar histórias que possibilite um diálogo entre criação, corpo e o contador de histórias. Como desenvolver um trabalho cênico em contação de histórias, com não atores, de forma a suscitar a construção de uma partitura corporal?

¹ Licenciada em Artes Cênicas – UFG.

² Pós-doutorado na Université Paris X Ouest Nanterre La Défense, Doutora em Antropologia Social-UFSC.

Seminário de Pesquisa em Performances Culturais: Interlocuções

Para além de oferecer “respostas prontas” de como fazer, o que da certo ou não, o vigente estudo tem o intuito de investigar e suscitar possibilidades em se contar histórias a partir de um trabalho cênico com o foco na corporeidade.

METODOLOGIA

O presente estudo propõem, uma reflexão centrada na prática de desenvolver oficinas em contação de histórias com duração de quatro horas cujo o público foi composto por professores e interessados na arte de contar histórias em diferentes lugares, nos anos de 2016 e 2017 na cidade de Goiânia.

Na busca de experimentar possibilidades de se contar histórias com e no corpo, foi proposto durante estas oficinas vivências de brinquedos cantados e jogos teatrais de improvisação de Viola Spolin (2001) e (2005).

A metodologia das oficinas propostas traz como foco um diálogo entre criação, corpo e o contador de histórias.

Por corpo, retrata-se a gestos, olhares, vozes, emoções do contador de histórias, o corpo do contador em sua totalidade. Coadunando com este pensamento, o conceito de corpo é abordado por FERREIRA, HARTMANN e MACHADO (2017, p. 47).

Corpo compreende a inteireza, o sujeito em suas mais complexas relações com o mundo e no mundo, em interação, envolvido em processos concomitantes e indeléveis de fazer, pensar, sentir, agir, e ser: no corpo e não com o corpo. A máxima de que não possuímos um corpo e sim de que somos um corpo.

No sentido de ser um corpo, um corpo que tem suas linguagens, características, limitações e que também conta histórias, que se propõem nas

oficinas de contação de histórias, potencializa-lo a partir de um trabalho cênico com o foco na corporeidade.

No Léxico de Pedagogia do Teatro (2014) a corporeidade é tratada enquanto “manifestação cotidiana que se nos apresenta nos movimentos naturais e mais simples, naqueles primeiros modos de se estar no mundo que integram o sentir, pensar e o agir”(p.35). Assim, durante sua performance o contador de histórias traz a corporeidade presente no modo como sente, pensa e vivencia a história contada. Esse dialogo entre a história e a corporeidade do contador surge de forma orgânica por meio de ensaios, apresentações e oficinas, por isso é comum dizer que “quanto mais se conta uma história, melhor ela fica”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As oficinas em contação de histórias foram pautadas com base na vivencia de brinquedos cantados, sob a perspectiva do corpo brincante. Os jogos teatrais de improvisação cênica para atores e não atores de Viola Spolin (2001) e (2005) e o ofício do contador de histórias e o contador de histórias enquanto performer na visão de Hartmann (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, a arte de contar histórias, não precisa ser explicada ou estar vinculada a algum objetivo pedagógico. Ela é por si ritual, tradição, imaginação, encontro, criatividade, encantamento, ludicidade, pesquisa, cultura, aprendizado, linguagem, sensibilidade, expressão.

Neste sentido, as oficinas de contação de histórias oferecidas a públicos distintos na cidade de Goiânia, propõem uma experimentação metodológica em se contar histórias com e no corpo ampliado, possibilitando aos seus participantes a tomada da ciência de gestos, olhares e vozes pertencentes a este corpo, de forma que os mesmos possam compor a história narrada.

Seminário de Pesquisa em Performances Culturais: Interlocuções

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Tais; HARTMANN, Luciana; MACHADO, Marina M. Entre Escola e Universidade: dinossauros e caderninhos por uma dramaturgia encarnada. In: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v.7, n.1, p. 45-70, jan./abr.20017.

KOUDELA, Ingrid Dormien, JUNIOR, José Simões de Almeida. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Tertro, 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução Ingrid Koudela e José Amos. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.